

Grupo de terapia ocupacional com jovens após o cumprimento de medidas sócioeducativas: um espaço para produção de vida

Occupational therapy: group for social inclusion process to youngsters law offenders

Marilia Mastrocolla de Almeida
Terapeuta Ocupacional, FUNDET

RESUMO

O presente artigo^a tem como propósito relatar a experiência do trabalho de Terapia Ocupacional no Projeto Atitude, em 2002 e 2003, com jovens autores de delito. O Projeto Atitude consiste em uma proposta de atuação construída a partir das experiências vividas por membros da equipe durante trabalho realizado com jovens internos na Unidade da FEBEM de Ribeirão Preto, no qual foi possível identificar as saídas apontadas pelos mesmos para a não reincidência na prática de atos infracionais. O espaço da Terapia Ocupacional no Projeto Atitude significou a possibilidade de oferecer aos jovens um contato direto com a produção da própria existência, em um ambiente livre para experimentação, aprendizado, respeito às diferenças, à cultura, aos valores, na tentativa de oferecer um trabalho que os ajude a refletir sobre a (re)produção da própria história.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, jovem autor de ato infracional, produção de vida

ABSTRACT

This paper discusses about an experience of Occupational Therapy in the "Projeto Atitude" which main objective is to help youngsters law offenders in their social inclusion process. This work carries out a description of the Occupational Therapist's intervention in the Projeto Atitude between 2002 and 2003 to emphasize the meaning of this professional and their contribution of this kind of intervention to the youngster social inclusion process, as an important element for help them to make their rights, culture and values respected.

Keywords: youngsters law offenders, Occupational Therapy, social inclusion process

Pretende-se relatar nesse artigo o processo de intervenção de Terapia Ocupacional com jovens que praticaram atos infracionais e que, em consequência, cumpriram alguma das medidas sócio-educativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)^b.

O grupo de Terapia Ocupacional aqui relatado fazia parte das ações desenvolvidas pela equipe de profissionais do Projeto Atitude cujo objetivo é possibilitar aos jovens, após o cumprimento de medida sócio-educativa, uma inclusão social onde sejam respeitados em seus direitos como cidadãos e como jovens.

Tendo como perspectiva definir o trabalho a partir da escuta desses jovens, a proposta do Projeto Atitude foi construída a partir de duas experiências vividas por membros da equipe, na Fundação Educacional do Bem Estar do Menor (FEBEM) da cidade de Ribeirão Preto, no período de 1998 a 2000. A primeira experiência se refere ao trabalho de extensão universitária realizado com jovens internos pelo Núcleo de Estudos em Prevenção das DST/aids e uso indevido de drogas (NEPDA)^c. A segunda refere-se a realização de estudos de Mestrado realizados com os jovens internos, os quais foram fundamentais para

a- Reflexões apresentadas no encontro de 25 anos do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos realizado em outubro de 2003

b- De acordo com o ECA, Art 121, ao jovem de 12 a 18 anos, que for flagrado praticando ato infracional, poderão ser aplicadas as medidas sócioeducativas de advertência, reparação de danos, prestação de serviço na comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação.

c- Sob coordenação da Profª Drª Rosalina Carvalho da Silva do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto.

a definição de várias ações como: a necessidade de se ter profissionais atuando nos bairros dos jovens como mediadores e/ou facilitadores de articulações; a necessidade de se refletir com os jovens sobre as suas estratégias de sobrevivência; ou ainda, acompanhamento e apoio na definição e execução de seus projetos de vida (ALMEIDA, 2002¹; OLIVEIRA, 2002¹⁰).

APRESENTANDO O PROJETO ATITUDE

Com o apoio da Fundação de Educação para o Trabalho (FUNDET), uma organização governamental, o Projeto Atitude funcionou de junho de 2002 até dezembro de 2003^d, em um bairro localizado na região periférica de Ribeirão Preto atendendo diariamente jovens egressos de medidas sócio-educativas que procuravam a equipe por indicação de amigos e/ou entidades, ou por conhecerem membros da equipe dos trabalhos na Unidade de Internação em anos anteriores.

Os critérios para inclusão dos jovens no projeto eram: ter cumprido alguma medida sócio-educativa; estar interessado em participar do projeto para buscar novas estratégias de vida que não a prática do Ato Infracional; ter disponibilidade para participar das atividades de trabalho oferecidas pelo projeto.

Durante o período no qual o Projeto Atitude funcionou no bairro, participaram do projeto 18 jovens:

- do sexo masculino;
- com idades entre 15 e 22 anos, principalmente 18 e 19 anos;
- com escolaridade entre analfabeto e 8ª série, principalmente 5ª e 6ª série incompletas.
- moradores de bairros localizados na periferia de Ribeirão Preto;
- com até 9 passagens por internações na FEBEM, até 9 passagens pelos programas de Liberdade Assistida e casos de passagens no sistema penitenciário;
- com filhos entre 2 meses até 1 ano;
- que vivem com suas famílias, em casa de até 4 cômodos;
- com história de trabalho atuando como servente de pedreiro, pintor, *office-boy*, na colheita de algodão e café, vendedor ambulante de frutas, ajudante de marcenaria etc;

A equipe era formada por 3 profissionais das áreas de Psicologia, Biomedicina e Terapia Ocupacional e uma estagiária de psicologia. Toda a equipe atuava tanto no atendimento direto com os jovens, como na coordenação do projeto.

A proposta do Projeto Atitude está fundamentada no conceito de inclusão social como processo complexo e multifacetado que envolve dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, do qual, a exclusão é parte constitutiva (SAWAIA, 1999)¹⁵. Difere também da no-

ção de “ressocialização, reinserção, reintegração ou retorno à sociedade”, como se a ela não pertencessem, ou estivessem “excluídos do convívio social” (PROJETO ATITUDE, 2004)¹¹.

Dizer que o jovem “está incluído” não significa necessariamente que esse processo se dê de forma justa e digna. O processo de inclusão pode se dar de forma perversa, ou seja, estar alicerçado em situações e valores discriminantes, humilhantes e geradores de sofrimento. O mesmo vale para “estar excluído” pois, isso não significa necessariamente uma “situação indigna”. É importante considerar que aqueles que se encontram incluídos em sua cultura e em redes de relações significativas, como o bairro onde moram, a família, grupo de pares podem encontrar condições que lhes proporcionem prazer e satisfação, mesmo que o acesso as condições mínimas de vida seja precário ou inexistente.

A atuação dos profissionais da equipe está pautada em dois princípios: no acompanhamento lado a lado dos jovens, de suas famílias e grupos de pares, para a realização de atividades diárias como a retirada de documentos, melhoria das condições de moradia, passeios, busca de abordagens de trabalho; e nas atividades grupais para a discussão e vivência sobre assuntos ligados à saúde reprodutiva, sexualidade, drogas, DST/aids, violência, cidadania, planejamento e execução de projetos pessoais e comunitários;

No trabalho individual utiliza-se a técnica de acompanhamento terapêutico com o objetivo de resgatar no jovem a confiança de experimentar a utilização dos recursos que possui ‘*instrumento de seu prazer*’ e não como arma contra a própria vida” (BERGER et al, 1991, p. 25)⁴, onde o acompanhante passa a ser uma referência no processo das identificações em curso. (LOPERLOGO et al, 1997)⁹.

Durante os trabalhos grupais, a cerca dos temas desenvolvidos nas áreas da saúde, cidadania, criatividade, expressão e aprendizagem, são utilizadas as metodologias participativas, que, segundo SILVA (2002)¹⁶ são “*métodos e técnicas que possibilitem e facilitem aos integrantes do grupo: vivenciar seus sentimentos percepções sobre determinados fatos ou informações; refletir sobre ele; ressignificar seus conhecimentos e valores e perceber as possibilidades de mudança*” (p. 44).

A definição dos temas a serem trabalhados parte da demanda trazida pelos jovens diariamente, sendo esse o foco de trabalho. Portanto, não há um planejamento prévio determinado, mas sim, temas de trabalho que se inter-relacionam nos diferentes grupos e que estão constantemente sendo reformulados, alterados ou reavaliados conforme os desejos e as necessidades pessoais e/ou grupais dos jovens. Tanto os projeto pessoais como os grupais são planejados

d- A partir de 2004 o Projeto Atitude passou a ser subvencionado pela Fundação de Educação para o Trabalho (FUNDET) em parceria com a Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente – Secretaria Especial de Direitos Humanos – Presidência da República.

juntamente com os jovens, em momentos individualmente, em outros momentos em discussão grupal.

Compartilhando das questões apontadas por Quarentei (1999)¹³ para o trabalho em saúde mental, construir uma proposta de trabalho com esses jovens é o mesmo que, “... inventar novas práticas e conceitos....que não sejam instrumentos de segregação, opressão e controle, mas de produção de vida.” (p. 195). Entendendo aqui, produção de vida, como sendo: produção de modos de estar no mundo; produção de maneiras de existir e a própria fabricação de mundos (QUARENTEI, 2001)¹². O valor do trabalho do Projeto Atitude pode ser observado nos resultados alcançados desde junho de 2002 a dezembro de 2003 que significaram principalmente uma alteração no “status quo” da vida desses jovens, ou seja, interrupção das constantes internações na FEBEM e manutenção da vida, como apresentado a seguir:

- 87,5% dos jovens não foram encaminhados para privação de liberdade;^e
- 94% dos jovens permaneceram vivos;^f
- Jovens com histórias de vida com até 9 internações na FEBEM permanecem em liberdade;
- O Município teve um gasto mensal até 10 vezes menor com um jovem do Projeto Atitude do que com um jovem interno nas unidades de FEBEM;

APRESENTANDO O GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL NO PROJETO ATITUDE

A intervenção de Terapia Ocupacional no Projeto Atitude teve como objetivo principal ajudar os jovens a vivenciarem novos desafios a fim de levá-los a encontrar outras formas de produzir seu/no mundo proporcionando o seu bem estar e de sua comunidade, respeitando sua cultura, seus desejos e seus valores pessoais e sociais. Como aponta Furtado (1999)⁷ “A oportunidade que a terapia ocupacional possibilita ao sujeito cuidar de si, experimentar-se como produtor é o que temos de precioso para ajudar aos sujeitos a constituírem-se pertencentes” (p.46).

As estratégias de intervenção estavam atreladas à experimentação de atividades diversas, com as quais os jovens eram capazes de se perceber agindo e criando coisas que lhe proporcionassem prazer e bem estar sem levá-los a privação de liberdade e/ou a situações de maior vulnerabilidade pessoal e social.^g

A atividade é entendida aqui como acontecimentos de vida que estão ligados àquilo que é necessário à sobrevivência pessoal, da sociedade, da cultura e também

da expressão-criação de mais-vida. Portanto, a atividade é uma potência construtora – transformadora de indivíduos e de vida (QUARENTEI, 2001)¹².

Entende-se que, estimular o fazer desses jovens é o mesmo que mostrar a eles a capacidade de produzir e reproduzir a sua própria história e também, a capacidade de apreender novas “técnicas” para desafiar a si mesmo e o mundo sem vivenciar situações de grande sofrimento. Entende-se que a compreensão de sofrimento precisa estar associada à questões como desigualdade, preconceito, direitos humanos, valores e cultura.

A definição de quais atividades iriam ser realizadas partia na maioria das vezes dos próprios jovens. Tentava-se criar no grupo um espaço onde os jovens pudessem ter maior autonomia para definir prioridades e decidir ações, a partir daquilo que fizesse sentido na vida de cada um deles. Como ensina Quarentei (2001)¹², “Colocar as atividades como acontecimentos de vida implica dizer que: elas são sempre plenas de sentidos. Sentidos de si no mundo” (p.7). Ainda segundo a autora, o que acontece nesses acontecimentos são as emergências de afetos imersos em conteúdos “...históricos, políticos, sexuais, tecnológicos, orgânicos...” (QUARENTEI, 1994, p.26)¹⁴. Nesses acontecimentos o terapeuta ocupacional ajuda os jovens a perceber os afetos e os conteúdos a que estão imersos para que consigam então perceber que muitas vezes esse conteúdos determinam formas de (re)produção de vida.

No espaço da Terapia Ocupacional os jovens puderam refletir sobre sua forma de agir no grupo e fora dele, no dia a dia com as pessoas, com os cuidados com o próprio corpo, com os objetos em sua volta e com relação aos sonhos e desejos pessoais. Entende-se então que no grupo de terapia ocupacional há um “...intenso processo de apreciação de fazeres...dos modos de estar no mundo, saber do gosto, do sabor, atribuir valor” (QUARENTEI, 2001, p.9)¹³.

Durante o trabalho com os jovens foram realizadas atividades expressivas, como aquelas ligadas à produção artística, a criação do logotipo do projeto e a elaboração de notícias para o Boletim Atitude. Atividades estas que ofereciam a experimentação de situações e técnicas diferentes, trabalhando diretamente com o processo de criação e expressão de sentimentos e idéias. Todas elas ligadas diretamente com aquilo que estava sendo produzido e o que se desejava produzir em suas vidas.

O entendimento é de que no grupo de terapia ocupacional,

e- “De acordo com os dados fornecidos pela própria Unidade (FEBEM) em 2000, sobre o número de internações de outubro de 1997 a outubro de 1998, dos 972 jovens internados nesse período, 489 (50,3%) haviam sido internados mais de uma vez. Em outubro de 1998 a outubro de 1999, esse número aumentou para 514 (51,1%), dos 969 jovens que estiveram internados no período. Estes dados confirmam as limitações da medida sócio-educativa de internação como ressocializadora, já que o número de jovens que estão sendo internados aumentou nesses dois anos” (Almeida, 2002, p.2) 1.

f- Segundo Kodato & Silva (2000)⁸, a velocidade de crescimento dos homicídios da população jovem em Ribeirão Preto é maior do que a população em geral. O crescimento de crimes violentos entre adolescentes pode ser explicado pelo envolvimento com o tráfico de drogas, aumento do uso de armas de fogo e pela mudança nas formas de resolução de conflitos, sendo estes cada vez mais letais (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 2000)⁸

g- Entende-se vulnerabilidade social como um processo resultante de um conjunto de aspectos individuais, coletivos e contextuais que tornam as pessoas mais suscetíveis à maior ou menor disponibilidade de acesso a recursos de todas a natureza e à situação de infecção e adoecimento (AYRES J. R. C. M., et al, 1998)⁹. Adiciona-se também, a suscetibilidade à situação de maior precariedade de vida e injustiça social.

“Conversar, escrever, cozinhar, pintar, passear etc, são modos de cuidar/estar/escutar/acolher o sofrimento..... (é) dar-lhes tempo e matéria para que, filmando, passeando, cozinhando, cantando recriem maneiras de estar no mundo...As atividades, o fazer humano, são tomadas como territórios, potências e matéria de criação, expressão...de modos de existir, de novos começos e da própria fabricação de mundos.” (QUARENTEI, 1999, p.197)¹³

A relação entre o terapeuta ocupacional e os jovens, estava pautada na atuação do primeiro como facilitador do processo de auto-percepção do jovem sobre a própria capacidade de transformar algo “estático” em “dinâmico” e de experimentar diferentes alternativas para a resolução de dificuldade, em um ambiente de experimentação livre de julgamentos, livre para errar, sem a presença de risco de vida e da necessidade de manter uma postura atribuída pelas atividades ligadas a criminalidade.

Para Furtado (1999)⁷, *“O nosso setting é flexível pois transitamos em muitos espaços, com tempos diferentes, com muitos objetos e riquezas de situações..”* (p.48). Características essas importantes e fundamentais para o trabalho com esses jovens uma vez que o “mundo do crime” é regido por leis e regras rígidas que determinam atitudes e inibem movimentos pessoais, no qual, muitas situações podem ser interpretadas como traições e erros e que podem levar esses jovens à morte.

Dentre os vários aspectos vivenciados pelos jovens durante os grupos de terapia ocupacional serão destacados aqueles que os auxiliaram a resgatar em si as potências necessárias para transformar e modificar ações e produções. Esses aspectos foram: a experimentação de algo novo; a importância da tomada de decisão; e a criação de um espaço para falar de si.

Ficou evidente que a resistência inicial em experimentar uma técnica ou um material diferente trazia à tona a insegurança sobre a capacidade ou não de fazer alguma coisa diferente, do resultado alcançado e do receio de errar. Estimulá-los e encorajá-los a experimentar algo que não conheciam, ou então transformar algo “considerado errado” em algo novo foram aspectos muito importantes no trabalho, pois auxiliaram os jovens a refletirem sobre a própria capacidade de transformação da situação de vida à medida que deixar a prática de atos infracionais significava criar e experimentar outras estratégias de vida diferentes das vivenciadas, situação essa onde emergiam sentimentos de ansiedade, medo e insegurança.

É no grupo de terapia ocupacional que o jovem pode reconstruir sua história de vida *“...através do movimento e da ação concreta.”* (FURTADO, 1999,p.46)⁷ Nas atividades realizadas em dupla e/ou grupais os jovens trabalharam a construção da identidade do grupo e da identidade individual de cada integrante, onde a

importância da tomada de decisões a partir das próprias necessidades e as necessidades dos outros integrantes do grupo possibilitaram a percepção sobre a responsabilidade por aquilo que escolheu e por aquilo que decidiu fazer, e o efeito dessa escolhas e dessas ações em si próprio, nos demais jovens e no grupo como um todo. Esse aspecto é relevante para o movimento de deixar a prática do ato infracional, uma vez que o jovem pode se perceber na ação e de forma crítica detectar os efeitos de suas escolhas em si mesmo e no outro. O terceiro e último aspecto destacado foi o espaço de falar da própria ação e sensação ao fazer as atividades. Inicialmente esse momento foi motivo de risadas, mas gradativamente foi se tornando um espaço de reflexões uma vez que o grupo começou a perceber que no material produzido estavam depositadas vivências e opiniões pessoais que tinham grande valor e mereciam respeito do grupo. Esse momento possibilitou também, o aprendizado a partir da escuta do outro. Na prática do ato infracional também estão depositadas vivências e sentimentos que muitas vezes geravam alegrias em outros sofrimentos. O eco das falas dos jovens sobre essas vivências os ajudava a se perceber no outro, a sofrer com o outro e principalmente a aprender com o outro novas maneiras de produzir e reproduzir suas vidas. Assim, o movimento todo de *“... fazer à apreciação da ação, da atividade, do que ali nos acontece em/na atividade..”* é o mesmo que possibilitar a *“a apropriação pelo sujeito de sua potência no mundo; a afirmação de sua vida/auto posicionamento; para efetuação do movimento de expansão de vida; e, para o engendramento de novos começos, novas formas de viver.”* (QUARENTEI, 2001, p.10)¹².

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O trabalho de terapia ocupacional se torna relevante se considerarmos que nossa atuação parte *“...da trajetória quase sempre desviante da vida do sujeito, constituída de uma não ação, ou de uma ação contrária, onde lembranças, memórias, afetos e cognição vão ser decodificadas, ressignificadas, reconfiguradas para a construção de uma nova ação.”* (FURTADO, 1999, p.46)⁷ Portanto, todo o processo de trabalho aqui relatado foi possível na medida que houve o cuidado de compreender que cada jovem tem a sua história e, portanto, sua ação está repleta de significados, memórias, afetos, desejos. Nessa perspectiva, o trabalho foi construído de forma a respeitar esses significados, sejam eles individuais ou coletivos, mas, tendo como objetivo, ajudar a produção de novas ações e conseqüentemente novos significados, sendo esses responsáveis pela real emancipação individual e coletiva desses jovens.

Uma última observação é que a troca de saberes entre os

profissionais da equipe, e entre esses e os jovens, possibilitou a construção de um trabalho conjunto e um aprendizado coletivo, sendo um deles, de que o saber da Terapia Ocupacional é “... *um dos saberes em ação, não o único e nem tão pouco definitivo*” (BARROS et al, 1999, p.72)⁴, mas aquele cuja a ação é buscar e desenvolver um processo ocupacional que possibilite qualidade de vida (FURTADO, 1999)⁷.

Agradecimento

Agradeço Mariângela S. Quarentei por tudo que tem me ensinado e pelo apoio dado nessa difícil e importante tarefa de escrever aquilo que vem sendo produzido nesses meus 3 anos de trabalho no Projeto Atitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA M. M de Compreendendo as estratégias de sobrevivência dos jovens antes e depois da internação na FEBEM de Ribeirão Preto. Dissertação (Mestrado em Ciências - área: psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.
2. AYRES J. R. C. M., CALAZANS, G. J., JÚNIOR I.F. Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/AIDS. *Seminário Gravidez na adolescência* – Ministério da Saúde/Projetos de Estudos da Mulher/Associação Saúde da Família, Rio de Janeiro, RJ, 1998, p. 97-109.
3. BARROS, D. D., GHIRARDI, M.I.G., LOPES, R.E. Terapia ocupacional e sociedade. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n2/3, p.69-74, mai/dez, 1999.
4. BERGER, E. et al. Introdução à clínica do acompanhamento terapêutico In: EQUIPE DE ACOMPANHAMENTO DO HOSPITAL DIA A CASA, *A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico*. São Paulo, Escuta, 1991, p.17-40.
5. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social - Governo do Estado de São Paulo. São Paulo. Imprensa Oficial. 1997.
6. DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO *Cadernos do Fórum São Paulo Século XXI – Segurança*. Caderno 7, São Paulo, 2000, p. 77-96.
7. FURTADO, E. A. Conversando sobre identidade profissional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n2/3, p.46-8, mai/dez, 1999.
8. KODATO, S., SILVA, A. P. S. Homicídio de Adolescentes: Refletindo sobre Alguns Fatores Associados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 13 (3), p. 507-515, 2000.
9. LOPERLOGO, A. C.D. et al.. Reflexões sobre o lugar da saída no acompanhamento terapêutico. In: EQUIPE DE ACOMPANHAMENTO DO INSTITUTO A CASA. *Crise e Cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo, EDUC,1997, p.121-126.
10. OLIVEIRA, M. C. R. de. *O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação (Mestrado em Ciências – área: psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.
11. PROJETO ATITUDE Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scidadania/atitude/i27principal.asp?pagina=/scidadania/atitude/i27atuacao.htm> (acessado em 29/11/2004)
12. QUARENTEI, M. S. *TO e a Produção de Vida*. Conferência de encerramento do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional.(texto digitado).Porto Alegre, RS, 2001. 13 p
13. QUARENTEI, M. S. Criando lugar(es) para acolher a falta de lugar. *Revista Interface*. Botucatu, vol 3, n° 5, p. 195-202, agosto, 1999.
14. QUARENTEI, M. S. Atividades: Territórios para a Expressão e Criação de Afetos. *Boletim de Psiquiatria*, 27 (1), p. 26-27, 1994.
15. SAWAIA B. Exclusão ou Inclusão perversa ? In SAWAIA, B. (org.) *As artimanhas da exclusão- A análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro, Vozes,1999, p. 7 –13.
16. SILVA R. C. *Metodologias Participativas para Trabalhos de Promoção de Saúde e Cidadania*. São Paulo, Vetor Editora, 2002.